

## INTRODUÇÃO – Intenções na paisagem

A Serra do Espinhaço exhibe uma profusão de cores ao nascer e por do sol que, sendo diferentes em cada um destes, geram a sensação de se estar em distintos lugares mesmo que em só um se permaneça. E caminhar pela Serra é descobrir nela jardins “artisticamente plantados” - como diriam Martius e Spix<sup>1</sup> -, mesmo que com plantas que parecem ser “raquíticas e enfezadas” – como diria Burton<sup>2</sup>. É ver cintilar nascentes e regatos, é sentir o perfume fugaz das plantas que aparecem assim só para que a curiosidade seja ainda mais despertada. Caminhar pela Serra é descobrir nichos, é observar as cores, que quando se acham cinzas, num repente inundam-se de amarelos, vermelhos, brancos e violetas das plantas, das rochas, dos solos. E é ainda ver a gente de pele queimada, de falar cantado, de sorrir tímido e que antes de dar qualquer informação o convida para entrar. Possível ainda ver na Serra, em amontoado ou espalhado, o testemunho de que ali há muito é lugar dessas e de outras gentes, que coloriram, mudaram, transformaram e construíram a paisagem da Serra do Espinhaço.

É este cenário, com suas mais diversas paisagens, que tem sido ao longo já de alguns séculos foco de olhares, também diversos, para algumas e muitas de suas componentes, sejam elas geológicas, geomorfológicas, históricas, arquitetônicas e culturais, entre as muitas ainda enumeráveis.

Compreendidos na porção meridional da Serra do Espinhaço, o município de Diamantina e seus vizinhos, que outrora integraram o antigo Distrito Diamantino, abrigam inúmeras paisagens. Paisagens que trazem em si percepções de suas componentes, que adquiriram novas e diferentes atribuições de significado ao longo de diferentes tempos históricos.

O ouro e mais tarde os diamantes, estes últimos encontrados nos conglomerados – como os de Sopa – ou nos leitos dos rios de todo o antigo Distrito Diamantino, incentivaram a ocupação de toda a região no período colonial, se estendendo até o Império.

Porém, o que seria chamado de Distrito Diamantino, antes mesmo de haver demarcações da Coroa Portuguesa, de surgirem vilas com eiras e beiras, já havia recebido

---

<sup>1</sup> SPIX e MARTIUS, 1981

<sup>2</sup> BURTON, 1977

em suas cristas e vales pegadas de pessoas e grupos humanos que perceberam, atribuíram significado e alteraram a paisagem da Serra do Espinhaço na pré-história.

A região do antigo Distrito Diamantino, localizado na porção meridional da Serra do Espinhaço (Veja mapa em anexo), área de interesse deste trabalho, apresenta formas de relevo calcadas sobre densas redes de fraturas e cisalhamento, resultantes de uma evolução geológica-geomorfológica estreitamente controlada por fatores litológicos e estruturais peculiares (SAADI, 1995; DOSSIN et al, 1990). Essa configuração morfoestrutural favoreceu a formação de numerosos abrigos nos afloramentos quartzíticos, os quais guardam numerosos testemunhos de uma rica ocupação pré-histórica, destacando-se aqueles abrigos cujas paredes foram cuidadosamente coloridas por grafismos rupestres. Tais pinturas, por serem visualmente interventoras da paisagem, transformando paredes rochosas em painéis e/ ou conjuntos de painéis construídos por intencionalidades culturais, se colocam como objeto privilegiado de análise, juntamente com o meio onde estas se inserem.

Apesar do grande número de abrigos oferecidos pelas condições geológicas e geomorfológicas da Serra, nem todos esses tiveram suas superfícies rochosas utilizadas como espaço gráfico. Há na Serra inúmeros abrigos rochosos sem vestígios rupestres, muitos dos quais localizados próximos e entremeando abrigos contendo aqueles vestígios. Conquanto, é possível pensar em uma escolha dos abrigos ocupados.

Neste sentido, é objeto deste trabalho a paisagem cultural da pré-história da região de Diamantina, cujos marcos-testemunhos são as pinturas rupestres. Para tanto, tem-se por objetivo analisar as paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina, correlacionando os aspectos naturais e culturais dos sítios, a fim de se chegar a um padrão de inserção destes na paisagem, assim como um padrão para as suas características, que denotem uma escolha dos abrigos grafados por parte dos autores das pinturas rupestres.

Dois pontos norteiam a idéia de que os abrigos, que hoje se configuram como sítios arqueológicos de pintura rupestre, foram outrora lugares eleitos para a realização de atividades cotidianas e/ou ritualísticas cujos vestígios permaneceram através dos tempos.

O primeiro deles é considerar que os autores desses vestígios fizeram parte de um, ou vários, grupos culturais. É a noção de cultura, portanto, que justifica pensar em escolha por parte dos autores das pinturas encontradas na Serra, uma vez que é ela a responsável pela maneira como atividades cotidianas e raras não sejam realizadas de maneira

meramente orgânica. A cultura configura-se, pois, como um contexto em que estão contidos acontecimentos que não ocorrem de maneira arbitrária ou casual (RIBEIRO, 2003). Segundo Geertz (1978),

a cultura corresponde a um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporando os símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Estes padrões e os sistemas de concepções podem ser expressos em atividades que envolvam questões técnicas do fazer cotidiano, questões envolvendo o mítico e o imaginário, e em dimensões outras, como nas narrativas, na maneira de compreender os recursos e o ambiente.

É com base nessa noção de ‘cultura’, que o estudo dos locais em que os sítios rupestres se inserem se torna possível, assumindo a hipótese que os locais pintados foram resultado de escolhas culturais para a realização de atividades igualmente culturais. Independentemente de terem sido vinculadas a atividades xamânicas, de magia simpática, ou puramente funcionais (no sentido de Malinowski, 1975), acredita-se que as pinturas foram postas em locais que se julgavam apropriados e adequados, por razões várias – por nós ainda desconhecidas.

O segundo ponto se relaciona às observações empíricas. Pesquisas arqueológicas realizadas na Região de Diamantina<sup>3</sup> identificaram, aproximadamente, sessenta sítios rupestres, a maioria deles parecendo estar colocada em pontos da paisagem muito semelhantes.

Esta maneira semelhante em que os sítios se inserem na paisagem, que pode ser chamada de recorrente, parece não estar vinculada a uma falta de abrigos potencialmente grafáveis situados em condições ambientais diferentes. É possível então pensar que a escolha dos abrigos pode ter sido relacionada a aspectos naturais da paisagem, como drenagem, posição topográfica, orientação geográfica... Tais aspectos podem ter recebido significações simbólicas que influenciaram na escolha do lugar onde realizar atividades de pintura, ou atividades ligadas às pinturas.

---

<sup>3</sup> As pesquisas arqueológicas na região de Diamantina se iniciaram em 2003, com um projeto de Iniciação Científica do Centro Universitário Newton Paiva, e continuam ainda hoje com um projeto do Setor de Arqueologia da UFMG, coordenado pelo Prof. André Prous e financiado pela Missão Arqueológica Francesa do Brasil e pela FAPEMIG.

Não atingir os significados dados ao lugar ou às pinturas é uma limitação inerente ao trabalho, mas é possível perceber uma organização espacial, caso ela realmente exista, que é refletida na apropriação, uso e modelamento da paisagem. Identificar a organização e estruturação do espaço produzido pela ocupação “pintora” da pré-história pode ocorrer a partir de estudos e análises que envolvam a caracterização dos sítios rupestres. Tais análises podem auxiliar na identificação de elementos macro e micro da paisagem que aparecem associados aos abrigos grafados, e que podem indicar o estabelecimento de normas e padrões para a ocupação de abrigos.

Quando se fala em paisagem é preciso considerar que paisagem aqui é tratada como uma dada porção perceptível a um observador, onde se inscreve uma combinação de fatos visíveis e invisíveis e interações as quais, num dado momento, não percebemos senão o resultado global (TRICART, 1982). A paisagem é ainda entendida como o resultado da combinação de elementos naturais e de intervenções humanas nesses elementos (DOLFFUS, 1971), sendo passível, outrossim, de ser tratada como uma construção. Construção esta que é efetivada por questões de cunho histórico-culturais estruturadas por relações sociais, simbólicas, econômicas, políticas, míticas, afetivas..., que alteram a maneira como as feições naturais são percebidas e apropriadas pela ação humana.

Por ser objeto desta dissertação as paisagens culturais da região de Diamantina, considera-se válido discutir a maneira como a ‘paisagem’, enquanto conceito e objeto de análise, foi entendida pela ciência geográfica, e como esta foi relacionada frequentemente à noção de cultura. Deste modo, far-se-á no capítulo primeiro uma apresentação e uma discussão de como foi a ‘paisagem’ tratada por alguns dos teóricos, formuladores e críticos da Geografia, e será apresentado como a Arqueologia também considerou e considera a paisagem vinculada ao registro de atividades humanas do passado.

No segundo capítulo pretende-se discutir a abordagem teórico-metodológica do trabalho: a arqueologia da paisagem, alguns de seus preceitos e métodos. Serão apresentados os critérios - variáveis ambientais e culturais - selecionados para a análise dos sítios de pintura rupestre e do ambiente em que estes se inserem, que caracterizam a abordagem selecionada para esta pesquisa.

No terceiro capítulo serão apresentadas as muitas dimensões da paisagem da área de estudo. As suas feições naturais serão primeiramente focadas e caracterizadas. Em um

segundo momento serão apresentados os elementos que constituem o incremento cultural da pré-história à paisagem da Serra: os sítios arqueológicos e seus vestígios.

Em função de serem as pinturas rupestres as intervenções na paisagem aqui analisadas, as discussões que elas congregam e as apresentações necessárias serão feitas no quarto capítulo. Neste sentido, serão discutidos conceitos próprios da análise dos vestígios gráficos - como a aplicabilidade das filiações culturais atribuídas às figuras ou a conjuntos de figuras pintadas, e o que são os “estilos” definidos pelo trabalho arqueológico. Serão também apresentadas as características dos grafismos presentes na Serra, as tradições culturais, os estilos e os elementos de crono-estilística.

No quinto capítulo, será apresentada a caracterização dos sítios, segundo os critérios selecionados e que serão apresentados e discutidos ulteriormente neste texto.

No capítulo sexto serão apresentados os resultados das análises das paisagens dos sítios de pintura rupestre e algumas interpretações que estes resultados favorecerem.

No capítulo derradeiro os resultados serão discutidos, assim como serão apresentadas algumas reflexões incitadas por eles.

Por conter princípios baseados na ciência geográfica e também na ciência arqueológica, esta pesquisa se insere em uma atmosfera interdisciplinar uma vez que aborda, e discute, questões teóricas e métodos essencialmente geográficos e arqueológicos. À Geografia são reservados as questões e métodos no que diz respeito à leitura e interpretação da paisagem e à análise que busca caracterizar e situar espacialmente os sítios em relação a atributos outros que complementam a paisagem. À Arqueologia são associadas as discussões e princípios que consideram o homem pré-histórico e os grupos pré-históricos como construtores culturais da paisagem, cujos testemunhos de sua concepção e construção - vestígios arqueológicos<sup>4</sup> - são peças para re-inventar, interpretar e entender a paisagem como uma artefato cultural.

---

<sup>4</sup> Toma-se aqui a Arqueologia como uma área da Antropologia, como é considerada nas Américas, ao contrário da Europa, em que a Arqueologia é vinculada a História.